

O NOVELO

Luciana Nobre¹

Quando cresci, puseram-me nas mãos um novelo:
toma, tece agora a vida.

Laranja cor,
constrangi-o contra o peito
extasiado de promessas.

Lembro-me de que,
naquela noite, não obtive o favor do sono,
mas sonhei...

Aos primeiros raios de futuro,
retirei do baú dos pequenos tesouros
aquele monte de fio reificador
de sonhos...

Detida na ideia do primeiro bordado,
cacei a ponta solta.
Disporia de
meio metro de alma. Começaria
a tessitura de meu legado.

¹ A poeta nasceu em Fortaleza/CE e mudou-se para Manaus/AM aos 14 anos. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), onde se especializou em Produção Textual e atualmente cursa mestrado pelo PPGL (Estudos Literários). É membro da ABEPPA, Associação de escritores Pan-Amazônicos, e da Academia Brasileira de Sonetistas - ABRASSO. Participa do grupo de mulheres escritoras, Enluaradas Amazônia. Publicou poemas nas antologias *De mim para ti (em Portugal)*, *A imortalidade amazônica*, *Escrever é uma alegria* e *A voz da Poesia*. E-mail: lunobream@gmail.com

Mas esperem!

Esse pedaço está solto!

Achei outra ponta. Puxei-a.

Outro

pedaço

solto.

Outra ponta.

E outra.

E mais uma...

Mais pontas eu tinha agora que

anseios.

Presente do tempo,

o

novelo

estava

todo

picotado.

O AMOR

Um dia hei de sorrir. No olhar, talvez,

o riso que me cabe por direito.

Por hoje, do sorriso, se me enfeito,

engano a quem me enxerga só a tez.

Um dia hei de cantar. Alegre, o peito,
ao canto enternecido, a dar a vez.
Por hoje, se a voz doce além se fez,
engano a quem não me ouve tão perfeito.

Por hora, chora ao coração, um vulto.
Gargalha em mim o adeus frio, insepulto;
tristonha melodia a sós me entoa.

Porém, dedos à lira, aonde eu for,
um dia hei de voltar a crer no Amor,
pois ele sim... jamais nos ri à toa.

ROUQUIDÃO

Queria ter nos lábios áridos
a palavra dura e forte;
uma Rosa de Hiroshima
a infundir o aroma e a fúria de minha indignação
derredor dos ares;
um Imagine catalizador de sonhos,
suspiros profundos,
e sonhos de infância.

Queria ter na boca o hálito verde
do mais otimista poeta;
a suavidade de um colibri
quando encontra o néctar
e domina a força;

o impulso decisivo de uma mãe ante o perigo que lhe ameaça a cria;
a habilidade milimétrica, só que em sons,
da dança provedora de futuro
com que os céus contemplaram as abelhas.

Queria, na garganta, o mecanismo incorruptível que faz girem em torno do sol os mundos;
a teimosia incansável da criança no domínio do passo, da fala, do voo;
a fluidez caudalosa de um rio antes do homem.

Queria exalar a poesia que fizesse calar a insensatez;
transformar palavras em cantos,
cantos em promessas,
promessas em cura.

Queria acalentar no peito
o sopro que sopramos nas máquinas fazedoras de reis e
encontrar, quem sabe,
a tal da bonança...

Mas hoje,
sob a bomba gris que explode silente sobre nossas cabeças, mordida pela impunidade que não
se dispersa,
quedo-me muda junto ao coro de alguns pássaros, dentre os milhares sem ninho.

E a meus lábios, boca, garganta e seio,
instrumentos imperfeitos e impotentes que malbarateiam
os anseios e as angústias que compartilho,
só me visita essa espécie de tosse...

INSPIRAÇÃO

Perguntam se não há outro motivo
ou themata a mover-me os pobres versos...
há tanto a se explorar nos multiversos!
dos fótons aos poderes mais ativos...

É sempre o mesmo mote, este que vivo.
Cadenciando em rimas... submerso...
Sem ter o que cantar, já já despeço,
da pena à lira, a emoção, o crivo...

Fugir não posso, deste Ser latente,
que a mim me habita o peito, impunemente,
onírico e real, noites e dias...

Escutem, ó más línguas, o que brada
alguma ninfa, deusa, musa, fada:
jamais, sem ter Amor, serei poesia...

CAUSA MORTIS

Tenho gastado algum tempo me lembrando
do que parece esquecido,
daquilo o que foi descansar nos campos santos
e murchou e se desbotou
ao compasso da decadência das coroas de cravos e dos retratos.
Daquela herança desdenhada, porque
ultrapassada. Afinal...

Daquele tom austero e brando de caminhar sob o céu.

Falo de coisas como o fio do bigode;
o olhar que dava diretrizes;
o tricotar de linhas e sorrisos nas calçadas;
o frescor da cortesia que soprava para longe,
bem longe,
as intempéries que assombravam o bairro;
os miolos de pote se derramando sob o poente,
e que agora mais se assemelham
ao eco de uma melodia distante;
as brincadeiras sem fim, sem fio, sem cera,
e até com um tantinho de maldade,
mas preche de entregas e aceites,
pontes que se transformaram em trincheiras...

Tenho debruçado pensamentos saudosos
sobre e sobre
a fluidez dos dias
que se foram sem se despedir, apesar das lápides,
sem tanta pressa,
o debruçar e a fluidez,
que é pra ver se descubro,
com um pouco de sorte e teimosia,
a causa das mortes...

JOÃO NINGUÉM

João-de-barro, sem casa,
bate à porta dourada da cigarra:

Foi o verão que morreu?

Por que essa pressa em conhecer, João de Deus?

Por onde voo,
é cada bicho buscando
o seu lugar ao sol...
não vejo mais a luz.

É assim mesmo sob o céu! Espera e canta.

Cantar não posso. Há tanto outono junto às mãos
que davam rosas. O que farei?

Volta ao barro.

BROTO

Deitada na cova,
a semente engana a morte,
adormece e sonha.

NO CANTO DO JARDIM

Nas entranhas do jardim,
pixixicas e joaninhas,
tatuzinhos e libélulas,
pulgões e juro!
até uma lesma desengonçada

gargalhavam estridentes desdéns...

aos descuidados,

apenas o silêncio num punhado de verde,

enquanto os ruídos ecoicos sacudiam o pólen dos hibiscos...

uma garoa mística

por sobre o sonho da lagarta.

Recebido em: 08/05/2024

Aprovado em: 10/06/2024

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_27